

# edit

MAG

3,50€

#26

JUL | AGOSTO '12  
Publicação Mensal  
de Moda e Lifestyle  
3,50€

LANCÔME  
REINVENTA  
O GLAMOUR

## MODA

MAIS DE 90 PÁGINAS DITAM  
AS TENDÊNCIAS DO VERÃO

## FRED PERRY

60 ANOS A FAZER HISTÓRIA

## CHRISTOPHE SAUVAT

MARCA PORTUGUESA  
DÁ VOLTA AO MUNDO

## EXCLUSIVO

ENTREVISTA A BRUCE WEBER

LÍGIA CASANOVA  
CRIATIVIDADE PREMIADA

HOTEL EM BERLIM  
DORMIR ENTRE AMIGOS

00026



5 601073 006736



ANA PAULA CARVALHO

64

# LÍGIA CASANOVA

## "A MINHA COZINHA É DO IKEA"

TEM 47 ANOS, VENCEU UM ANEL DE OURO E OUTRO DE PRATA NOS PRÉMIOS THE RING, OS MAIS PRESTIGIADOS DO DESIGN DE INTERIORES NO ORIENTE. PODIAM SER DE PAPELÃO QUE NINGUÉM LHE TIRAVA A SENSAÇÃO DE ESTAR NAS OLÍMPIADAS. GOSTA DE DESAFIOS, DE REINVENTAR ESPAÇOS, DE RECICLAR. SE AS PAREDES DO SEU ATELIÊ FALASSEM...

Texto SANDRA NOBRE Fotos ANA PAULA CARVALHO, MANUEL GOMES DA COSTA, BRUNO BARBOSA

### O que muda com os prémios?

É um estado de euforia que se vive durante 15 minutos. Dá prestígio, muda o reconhecimento internacional. As solicitações para publicações chinesas têm sido imensas, de blogues do mundo inteiro, recebo convites para participar em conferências e surge mais trabalho.

A atribuição dos The Ring – iC@ward International Design decorreu numa cerimónia com pompa no hotel Venetian, que recria os canais de Veneza em Macau.

Sim, também tivemos o nosso passeio de gôndola. É um evento tipo óscares, com vestidos de noite, transmitido em directo

na televisão.

### Com a particularidade de só poder participar por convite. Como surgiu essa oportunidade?

Este prémio só abre uma quota de 15% ao ocidente e foi o presidente, Pierre Lo, que me convidou. A primeira vez recebi uma menção honrosa, foi uma sensação quase de ir aos Jogos Olímpicos nem que fosse para ganhar uma medalha de papelão. Este ano, voltaram a convidar-me.

### E venceu na categoria comercial o anel de ouro e prata na residencial.

O projecto comercial com que participei foi um evento efémero, uma apresentação da Hermès, no Mude. Estava a concorrer com lojas da Louis Vuitton em Singapura,

Chanel em Hong Kong... são projectos de milhões de dólares. Falei com o Danny Cheng, um dos nomes top no Oriente, sobre a concorrência, ao que ele disse: "Aqui não interessa o valor monetário, interessa a qualidade e a criatividade".

Eu ganhei como outros portugueses poderiam ganhar, o que é pena no nosso país é que ninguém aposta em ninguém, tive a oportunidade porque fui convidada de fora. Nós temos tudo – azulejos, cortiça, vidro, plástico, tecidos –, só temos de acreditar em nós!

### Integra também desde 2008 os prestigiados Andrew Martin Awards. Que projectos nasceram daí?

Tive projectos na Holanda e

na Bélgica. E, em 2007, fruto do trabalho com os belgas, houve uma viragem na minha linguagem. Costumo dizer que não sigo tanto as tendências, estou atenta, mas não sou 'decor victim'. Quando começou, em 1995, mergulhou num universo colorido retirado do imaginário infantil.

Na altura vivíamos rodeados de cor, as casas remetiam-nos para o México, Marrocos, era tudo azul, amarelo, ocre. Eu estava no estado de graça da maternidade, tive três filhos, e isso também me influenciou. Depois veio a abstinência da cor, os brancos. Agora estamos a entrar nos escuros. Sempre disse que preto não usaria, associava a luto, era pesado,

hoje acho elegante, está associado à espiritualidade, é profundo, mas temos que nos sentir bem com isso.

### A fase que se atravessa é pouco colorida e as pessoas parecem estar fechadas no seu mundo...

Estamos cada vez mais em casa fechados no casulo. Sempre achei que tinha escolhido uma profissão em risco, porque as pessoas têm tanto acesso à informação que já não precisariam de orientação, mas não! O mundo está tão desorientado que a casa é um refúgio.

### Dão-lhe carta branca nos projectos?

Dão, embora algumas pessoas, por serem mais inseguras, referem 'não se esqueça que gosto disto'. Tenho clientes que já vou na

# LIGIA CASANOVA



terceira geração, tenho os filhos, os pais e os avós, por arrasto, que me dizem: 'Não se esqueça que sou uma septuagenária', mas mais à frente sai um: 'Lá por eu ter 70 anos pode fazer as suas loucuras'.

## Neste momento que trabalhos tem em mãos?

Apartamentos modelo, casas particulares e um projecto que vai ter relevância daqui a um ano, mas por agora ainda está numa fase embrionária. Quando inicia um projecto, por onde começa?

Não há uma fórmula. Às vezes é só uma divisão, outras a casa inteira. Olho para o projecto como um todo e tento não

trabalhar directamente no computador enquanto não tenho ideias definidas. Quando surgem dificuldades numa divisão avanço para outra. Já me aconteceu ligar para o cliente e pedir mais tempo, não entrego uma proposta para apresentar trabalho. Se me entusiasmo até apresento duas hipóteses, mas evito porque depois há a tendência de querer misturar as duas. Esse é o grande desafio: saber conjugar o que se gosta.

É como cozinhar: podemos ter os melhores ingredientes mas misturamos dois errados e estraga-se o prato. Toda a gente sabe se gosta de um móvel ou

de um sofá, o problema é conjugar. Há clientes que me chamam em pânico. Tive uns com uma sala de 140 metros quadrados, toda branca, onde investiram cerca de 100 mil euros em mobiliário, e passavam o tempo enfiados no escritório com um sofá pequeno, porque diziam que a sala lhes parecia um hospital. E há aqueles que herdaram mobílias de família e já não conseguem viver com a cómoda D. Maria...

## Que projectos evita?

Não há nada que não goste, adoro desafios. O maior foi talvez pensar uma livraria em 25 metros quadrados com um canto de cozinha, outro de leitura, uma

mesa para actividades, as estantes, a caixa. É a Histórias com Bicho, da Fábrica da Pólvora, em Barcarena, Sintra. E consegui!

## O design de interiores tem um prazo de validade?

Não, se utilizarmos tons neutros. Se usarmos a cor nos acessórios, esses são facilmente substituíveis. Raramente uso padrões, riscas, quadrados, flores, prefiro grafismos – devido à minha formação de base em Design Gráfico – e personalizar as peças.

## Gosta de voltar aos projectos e dar-lhes nova vida?

Gosto, embora às vezes seja surpreendente ver como

utilizaram o espaço. Uma cliente, oito anos depois, dizia-me: 'Ficou sempre a revista que deixou ali em cima, era perfeita para aquele sítio'. A casa é para ser vivida, para ser mexida. A maioria pensa que o design de interiores é caro. O Ikea mudou essa ideia. Recorre a esse design low cost?

Quando é preciso vou lá. A minha cozinha é do Ikea – ainda ontem lhe caiu uma porta. Há coisas que valem a pena, mas se a pessoa puder ter melhor... Também recorro muito à reciclagem, desde a minha casa à casa dos outros. Gosto de arranjar soluções, por exemplo, forrar móveis com tecidos,

pode-se idealizar tanta coisa.

## E intervir em espaços públicos, como fez no Hospital de Santa Maria e do Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão, é apenas uma questão de escala?

Não só, a durabilidade e a resistência dos materiais tem de ser muito maior, há uma série de cuidados a ter. Por exemplo, durante a instalação em Santa Maria, passávamos em frente ao bloco operatório e tínhamos que vestir batas, tocas e sapatos e passar por câmaras de esterilização, os móveis também. Tem, sobretudo, de imperar

o bom senso.

## Quando se cria tantos ambientes, como é a relação com a sua casa?

Deve ser como os chefes de cozinha que preparam pratos muito bonitos e que no final do dia só lhes apetece um simples hambúrguer. Vejo tanta coisa, tantos materiais, que a minha casa é muito depurada, tenho quase uma necessidade de limpar a mente.

## E se as paredes do ateliê falassem o que diriam sobre si?

Que trabalho demais. Que sou obstinada, porque tenho determinação e força, e que sou doce, porque perdoou com facilidade. Diriam que

cumpro horários, que sou organizada e que faço lista de coisas a fazer. Que sou viciada em chocolate. Que ouço música enquanto trabalho, desde jazz vocal, música alternativa até rock sinfónico aos berros com auscultadores, quando estou nos momentos de inspiração. Sobretudo, diriam que sou apaixonada pelo que faço, não sei trabalhar de outra maneira.

## Sendo que afinal a sua profissão não está em risco, hoje seguiria os mesmos passos?

Adorava ser uma food stylist, saber aquilo que sei, saber cozinhar e ter um restaurante.